



A manifestação em ato na adolescência: testemunho do desamparo

The manifestation in act in adolescence: testimony of helplessness

Roberta Araujo Monteiro

Mônica Medeiros Kother Macedo

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

Por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo, buscou-se compreender as manifestações de dor psíquica via ato no cenário da adolescência contemporânea e promover recursos facilitadores à adesão de um posterior atendimento psicanalítico. Participaram do estudo três adolescentes com idades entre 14 e 18 anos com comportamentos de risco. Cada adolescente participou de uma série de quatro entrevistas abertas que, juntamente com uma ficha de dados sociodemográficos, constituiu seu Estudo de Caso. A análise dos dados obtidos foi feita pelo método de Análise Interpretativa de Frederick Erickson. Foram identificadas no trabalho com os dados quatro asserções: a presença de fragilidade psíquica, a ausência de perspectivas de vida, a distorção de aspectos típicos da adolescência e a potencialidade de criação de recursos psíquicos a partir da experiência de escuta para esses adolescentes.

Palavras-Chave: Adolescência; Ato; Escuta; Psicanálise

Abstract

Through a qualitative research, it was tried to understand through case studies of adolescents the manifestations of the psychic pain via act in the contemporary adolescence scenario and to promote facilitator resources to the adherence of a subsequent psychoanalytic attendance. Three adolescents from 14 to 18 years old participated which highlights during the stage of screening, risk. The adolescent participated of four open interviews among with a sociodemographic report, characterized the study case of each participant. The analysis of the obtained data was made through an Interpretative Analysis proposed by Frederick Erickson. From this proposal, four assertions were identified which highlighted the presence of psychic frailty, the absence of life perspectives, a distortion of the typical aspects of adolescence and the potentiality to create psychic resources from the experience of listening to these adolescents.

Keywords: Adolescence; Act; Listening; Psychoanalysis

Introdução

A adolescência é um período naturalmente de crise, quando o jovem deverá enfrentar intensas demandas psíquicas. Segundo Bernard

Penot (2005), nela há uma mudança de regime pulsional pautada pela puberdade, que consagra a ruptura com a infância. Ao cenário do processo do adolescer, somam-se formas

contemporâneas de mal-estar que se diferenciam de antigas modalidades nas quais o sofrimento era centrado no conflito psíquico calcado entre imperativo pulsional e interdições morais. A expressão "mal-estar contemporâneo" evidencia o domínio da dor que se inscreve nos registros do corpo, da ação e das intensidades, imputando excessiva excitação oriunda de experiências que assolam dramaticamente as condições psíquicas de processamento e metabolização psíquicas, conforme afirma Joel Birman (2012). Neste contexto, também o adolescer é atravessado por especificidades sociais e culturais que configuraram dificuldades em relação aos necessários recursos de enfrentamento das conflitivas desta etapa. Para Birman (2006) essas problemáticas contemplam uma infinidade de temas relevantes. Dentre elas, as manifestações em ato, que se apresentam em padecimentos tais como delinquência, toxicomania e ideação suicida, obstaculizando a vida do sujeito psíquico, no sentido de não poder contar e/ou usufruir, com autonomia e bem-estar, de recursos, tanto no que se refere ao campo intrapsíquico, quanto às searas da alteridade.

A passagem ao ato, expressão frequentemente presente no cenário da adolescência contemporânea, denuncia a imaturidade e a precariedade do aparelho psíquico, já que nela se evidenciam a fragilidade e a ausência de processos de simbolização psíquica e, portanto, evidente prejuízo na condição de pensar e simbolizar. Sobre essa dominância da ação como forma prioritária de vazão ao excesso de intensidades psíquicas, Birman (2012) afirma que nela está em questão a economia psíquica do narcisismo, pois para preservação desse, o Eu prefere *explodir* a *implodir*. O autor pondera que a *implosão* seria própria de manifestações como o estresse, o pânico e as manifestações psicossomáticas, nas quais a descarga das intensidades excessivas não pode se esvaír pela ação, o que caracterizaria a *explosão*. Sendo assim, Birman (2012) constata que, nas modalidades de ação presentes nas formações sintomáticas da atualidade, tem-se um psiquismo que lança mão, cada vez mais, da passagem ao ato e não do *acting-out*. A diferença entre esses conceitos, segundo o autor, refere-se ao fato de que, no *acting-out* (atuação), existe a inscrição do simbólico na ação e como ação, recursos de simbolização que não se fazem presentes na passagem ao ato.

Logo, torna-se fundamental compreender as expressões de dor psíquica, expressas via passagem ao ato no atual cenário da adolescência, identificadas no predomínio de comportamentos de risco, tais como adições, compulsões e delinquência. Busca-se, assim, fomentar ampla reflexão sobre o paradoxo da ausência e da necessária construção de recursos psíquicos que serão fundamentais no enfrentamento de demandas do adolescer. Estas considerações emolduram o objetivo da investigação retratada neste artigo, a qual apresenta problematizações a respeito do predomínio da passagem ao ato na adolescência a partir de relatos de adolescentes que buscaram um serviço-escola de uma Universidade para efetivar uma avaliação psicológica. No cenário específico deste estudo, buscou-se, ainda, promover condições facilitadoras à adesão de um posterior atendimento psicanalítico por parte dos adolescentes participantes.

Método

A abordagem qualitativa foi o desenho metodológico adequado ao objetivo dessa pesquisa, por estar sustentada na investigação de questões que dizem respeito à experiência subjetiva dos participantes (Shaughnessy, Zechmeister & Zechmeister, 2012). Após o trâmite ético necessário e sua aprovação pelo órgão competente, iniciaram-se os procedimentos previstos no estudo. Participaram três adolescentes do sexo masculino, com idades entre 14 e 18 anos, encaminhados para atendimento no serviço-escola de uma Universidade por terem apresentado manifestações em ato. Os participantes e seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado para este estudo.

Para a coleta de dados foi feita uma série de quatro entrevistas de questões abertas com os participantes e uma entrevista com seu responsável, tendo cada encontro duração de 50 minutos. Um dos participantes do estudo, Vagner¹, 15 anos, está na 5ª série do Ensino Fundamental, mora com a irmã e dois irmãos mais velhos. Vagner foi encaminhado à clínica-escola pelo Juizado da Infância e da Juventude da cidade onde reside em função do processo de guarda do participante por parte da sua irmã e por sua condição de drogadição

¹ Todos os nomes utilizados são fictícios a fim de garantir o anonimato dos participantes.

e delinquência (roubo de bicicleta). O segundo participante Tiago, 15 anos, está na 6ª série do Ensino Fundamental. Mora com a mãe e o padrasto e foi encaminhado pelo Conselho Tutelar (conselho de membros da comunidade com o objetivo de acompanhar, proteger e fiscalizar comunidade e família frente a crianças e adolescentes) por frequentes faltas na escola. Os pais de Tiago foram convocados pelo Conselho Tutelar, mas não compareceram. O adolescente cometeu atos de delinquência (pichação e violência escolar). Por último, o participante Antônio, 16 anos, está na 1ª série do Ensino Médio e mora com a mãe e com a irmã. A mãe buscou atendimento para o filho pelos comportamentos agressivos e pelo baixo rendimento escolar. Ela conta que Antônio apresentou ideação suicida e fez ameaça homicida contra a irmã. Nesta investigação, foi organizado o Estudo de Caso de cada participante a partir da série de entrevistas e dos dados obtidos nos documentos elaborados pela clínica-escola.

A série de quatro entrevistas foi organizada da seguinte forma (Schuman, 1982; Seidman, 1991): a primeira buscava dados referentes à história de vida do participante; na segunda foram exploradas as situações que se evidenciaram as expressões em ato; na terceira foram identificados significados atribuídos à experiência em relação à expressão em ato; e na quarta foram levantados aspectos que não tinham sido abordados antes e uma devolução do que foi compreendido pela entrevistadora a respeito das questões abordadas. Durante o processo, foi oferecido um espaço de acolhimento, calcado em recursos da escuta psicanalítica, tais como a compreensão da dinâmica emocional e a atenção aos fenômenos transferenciais e contratransferências decorrentes das entrevistas.

A análise dos dados obtidos se deu por meio do método de “Análise Interpretativa” (Erickson, 1997). Neste método, a tarefa do pesquisador é descobrir os diferentes estratos de universalidade e particularidades presentes no caso específico estudado, ou seja, identificar quais aspectos são amplamente universais, quais podem generalizar-se a outras situações similares e quais são exclusivos do caso em questão. Logo, o método interpretativo possibilita uma generalização lógica e não estatística. Segundo Vera Kude (1995), a apresentação das asserções, ilustradas com vinhe-

tas e fundamentadas com comentários interpretativos, nesse estudo, sustentados pela teoria psicanalítica, permite acompanhar o caminho percorrido pelo pesquisador na investigação. O método de análise de Frederick Erickson (1997) viabiliza o aprofundamento e a interpretação de uma experiência singular, colocando em questão o que se julga saber a respeito de um fenômeno. Essa proposição vai ao encontro do corpus da Psicanálise, no qual se destaca especial atenção à singularidade do sujeito e a condição de reflexão aprofundada sobre os fenômenos humanos.

Resultados e Discussões

Primeira Asserção: O adolescente com manifestações em ato evidencia uma configuração psíquica precária, com importantes fraturas no si mesmo

Antônio, ao contar sobre sua relação com a irmã, começa a historiar o lugar que ocupa frente ao outro. A aparente passividade surge como um ingrediente essencial em sua vida. Manoela, irmã um ano mais nova, é descrita por Antônio como sendo “do mal”, fica controlando-o e buscando informações que coloquem a mãe contra ele:

A gente estava vendo televisão e a mãe tinha saído. Eu servi um sanduíche, botei o suco no copo e fui comer no sofá. Ela estava do meu lado. Botei o copo no chão em cima do tapete e quando levantei, chutei o copo e o suco caiu no tapete. Ela começou a dar um ataque, falando: 'Ah, vai limpar esse negócio!' Falei: 'Vou limpar sim, eu sei. Ai ela começou a me bater. Quando ela começa a me bater, fico nervoso, porque ela bate na minha cara. Fiquei em cima dela falando assim: 'ô, menina pára, porque se tu não parar eu vou te machucar. Eu vou te matar'. E ela: 'Ah, tu não tem coragem'. Só que eu não matei, porque sabia que depois a minha mãe ia ver aquilo, ia chegar e ia falar: 'Cadê a Manoela?', - Ah, matei ela. Não, não vale a pena fazer isso (Antônio, entrevista pessoal, 10 de setembro de 2010).

A agressividade, naquele momento endereçada à irmã, normalmente era dirigida contra o próprio adolescente. Sua fala ilustra o destino da autodestrutividade:

Já pensei em me matar por causa da escola. Pensei em pegar uma faca na cozinha e me esfaquear todinho. Pensei: vou esperar um carro passar e vou me atirar na frente. (...) Fico pensando, se eu me matasse lá em casa, tipo me esfaquear na cozinha, quando a minha mãe chegasse em casa, eu ia estar esfaqueado no chão. Fico pensando nela, como é que vai ser quando ela me ver, aí eu não faço isso (Antônio, entrevista pessoal, 10 de setembro de 2010).

Tiago foi encaminhado pelo Conselho Tutelar para acompanhamento psicológico. O adolescente vinha faltando a muitas aulas, o que ocasionou baixas notas escolares. Além disto, apresentava comportamentos agressivos para com os colegas e havia sido pego fazendo pichações no colégio e na rua, intensificando-se as reclamações da escola.

Descobriram que eu estava fazendo pichação no colégio. Também teve aquelas coisas de ficar no corredor batendo em quem passa. Eu estava sempre fazendo isso. (...) Minha avó me deixava bem solto, fazia o que eu queria. Ela nem ficava sabendo. Agora minha mãe está em cima, mas, no final, acho até melhor (Tiago, entrevista pessoal, 27 de agosto de 2010).

As entrevistas com Vagner constituíram um desafio à escuta nesta investigação. Vagner chegou para atendimento encaminhado pela psicóloga do Juizado da Infância e da Juventude que o acompanhava durante o processo de atribuição de sua guarda à irmã mais velha. O pai de Vagner havia falecido há poucos meses, quando ele participou da pesquisa. A mãe abandonara o menino e seu irmão quando ainda eram pequenos. A irmã contou que ele foi “conhecer” a mãe há pouco tempo, apenas em função do processo de guarda. O adolescente estava enfrentando ainda um processo por roubo de bicicleta na cidade onde morava antes do pai falecer. Além disso, fazia uso de drogas com amigos e com um dos irmãos. Sobre o roubo, Vagner conta:

Não teve nada a ver com a droga, nem com o meu pai ter falecido. A gente estava lá parado, falamos em roubar a bicicleta e fomos lá e roubamos. Não teve nada, decidimos roubar a bicicleta, roubamos (Vagner, entrevista pessoal, 21 de junho de 2010).

Por meio de atos delinquentes os adolescentes evidenciam fragilidades psíquicas diante de intensidades que não podem ser metabolizadas e, assim, transbordam em forma de passagem ao ato. Segundo Joyce McDougall (1996), entende-se que a descarga na ação se dá frente à existência de sobrecarga afetiva e de dor mental, que ultrapassam a capacidade de absorção das defesas habituais, passando a ter o sujeito o objetivo de descarregar o afeto desprazeroso o mais breve possível. A impossibilidade de dar sentido à dor e os atos de ataque a si mesmos e/ou aos outros nas histórias dos adolescentes participantes do estudo, denunciam os excessos de abandono e desamparo experimentados. A ameaça feita por Antônio à irmã pode ser entendida como uma

agressividade destinada ao outro, mas que se alterna com a agressividade destinada contra si mesmo. Sobre a ideação suicida, pode-se dizer que se trata de uma situação na qual o sujeito se encontra diante de intensidades próprias da dramaticidade de realidade factual que, ao não encontrarem no psiquismo condições de metabolização ou de enfrentamento, sofrem importante incremento fazendo com que o investimento na vida passe a correr sério risco psíquico (Macedo & Werlang, 2011).

Os atos delinquentes de Tiago e de Vagner permitem considerar, ainda, segundo Penot (2005), que diante de jovens com comportamentos delinquentes, identifica-se a entrega a uma intensidade pulsional irreprimível. Esses jovens reproduzem compulsivamente seus atos delinquentes tão logo se ausenta qualquer cuidado do adulto referente. O autor assinala que a constituição de uma fantasia subjetivada depende da figura parental cumprir com sua função e facilitar a instalação da operação de simbolização por parte de seu filho. As falas dos participantes do estudo contam de ausências e precariedades significativas no investimento afetivo, resultando em dramáticos apelos para serem olhados e cuidados por seus responsáveis.

As histórias desses três adolescentes são marcadas pela instabilidade, desorganização e precariedade da presença parental ou de adultos que exerçam essa função. No caso de Antônio, os pais se separaram quando ele tinha sete anos de idade. A mãe se afasta para morar em outro estado. Diante das reclamações do filho retorna à cidade na qual morava o pai. Após um tempo a mãe decide mudar novamente e segundo ela deixa Antônio decidir com quem queria ficar. O menino passa a morar com o pai por mais um ano, junto com a madrasta e com o irmão, fruto do novo relacionamento paterno. Ao saber de uma nova gravidez da esposa, o pai do menino decide que não poderia mais ficar com ele, por questões financeiras. Assim, Antônio é “enviado” de volta à mãe. As dificuldades econômicas denotam precariedades nas condições de investimento, mas não apenas de investimentos financeiros. Antônio voltou à cidade onde a mãe residia contrariado e, segundo ela, o filho nunca mais foi o mesmo, se mantendo fechado e tristonho. Parece custar muito ao menino o que sente como rejeição paterna.

Tiago tem relações parentais frágeis marcadas predominantemente pelos meandros da insegurança, instabilidade e na falta de modelos identificatórios. O jovem viveu nos últimos três anos, inúmeras idas e vindas entre a casa da avó e do pai. Sua história é marcada por relações instauradas em um clima de desconfiança e pela aridez de afetos. A avó, responsável por ele, não se ocupava de defender o adolescente diante de acusações que sofria dos parentes por atos que não cometera. Além disso, tinha uma postura negligente frente aos estudos e aos comportamentos do neto.

Eu faltava um monte (às aulas), mas minha vó não fazia nada, porque não ficava muito em casa. Daí eu fui trabalhar com o pai na oficina. As faltas aumentaram, porque eu ficava lá na oficina. O colégio ficou chamando os meus pais por causa de comportamento e das faltas. Como ninguém foi, chamaram o Conselho Tutelar. Daí fui morar com a minha mãe (Tiago, entrevista pessoal, 27 de agosto de 2010).

Vagner demonstra intensa dificuldade de estabelecer vínculos. O adolescente perdeu o pai, pessoa que, segundo ele, era a única que realmente o incentivava. No entanto, a irmã - atual responsável pelo jovem - relata que era visível a diferença de tratamento do pai em relação ao adolescente e ao outro irmão, um ano mais velho. Segundo a irmã havia uma suspeita de que Vagner não fosse filho legítimo do pai. No decorrer das entrevistas, quando solicitado a falar sobre suas lembranças de situações vividas com o pai, Vagner mantinha silêncio.

A baixa autoestima demonstra uma relação parental falha na função de narcisização. Sabe-se que o processo de constituição psíquica se dá a partir dos singulares encontros com o outro. Sigmund Freud (1914/1989), em *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, refere que a subjetividade é uma criação narcísica do sujeito sendo o narcisismo das figuras parentais responsável pelo narcisismo da criança. Ser tomado como investimento amoroso de outro inaugura assim, a condição de *amar-se e amar ao outro*. Ao contar sobre a relação com os pais, Antônio refere a percepção de adultos mais centrados em si mesmos com dificuldades para abrir um espaço psíquico que acolha as demandas do filho. A impossibilidade do pai de Antônio manter o filho junto a si gerou uma reação intensa no adolescente, que acabou confirmando aquilo que acreditava esperar dele: o fracasso e a desorganização.

Somado a isso, a postura da mãe, ao estabelecer uma aliança com Manoela, a irmã, incrementou sentimentos de exclusão e de depreciação dirigidas a ele:

Quando a minha irmã e minha mãe estão conversando lá no quarto da minha irmã e eu chego, a minha irmã fala: "Sai daqui, merda! Você está com cheiro ruim!", ou sei lá eu o quê. A minha mãe não fala assim no mesmo tom que a Manoela, mas ela também pede pra eu sair. Ela fala: "Sai um pouquinho que a gente quer conversar.", aí eu saio (Antônio, entrevista pessoal, 10 de setembro de 2010).

A qualidade da relação parental na vida de Tiago se mostra, também, bastante instável e com o predomínio da carência de afetivos modelos identificatórios. O pai, que poderia ser um objeto de identificação, apresentava considerável descaso com a vida de Tiago. A vida escolar do adolescente era desconsiderada frente à possibilidade do filho auxiliá-lo no trabalho na oficina. Além disso, o jovem ficou várias vezes sem espaço estável para morar, seja na casa de seus pais ou na casa da avó. Com a mãe, em função de uma briga com o ex-padrasto, com o pai, em função da madrasta não gostar dele, e com a avó, pela briga com os parentes que residiam ali também. Frente à instabilidade nas suas vivências, a mesma inconstância experienciada na "moradia externa" estava presente na "moradia interna". Tiago tinha medo de voltar a ter os comportamentos de antes, como se não sentisse asseguradas as condições de conter os próprios impulsos. "Dependendo, fico com medo, até, que aconteça tudo de novo, porque a maioria dos meninos do colégio eram aqueles que faziam as coisas (pichações)" (Tiago, entrevista pessoal, 3 de setembro de 2010).

O desamparo instaurado pela via do excesso das experiências de ausência caracteriza as relações na vida de Vagner. O jovem, além de ter sido abandonado pela mãe, havia estabelecido com o pai uma relação marcada pela dúvida da legitimidade de sua filiação. Tal fato colocava em xeque também o parentesco com os irmãos, pois somente um dos irmãos era filho da mesma mãe. A vida do adolescente estava atravessada por acontecimentos traumáticos que davam um tom acinzentado às suas experiências. A morte do pai, o abandono da mãe, a insegurança familiar eram alguns dos elementos constituintes desse cenário. Segundo Hugo Lerner (2006), quando ocorre uma história traumática na vida do su-

jeito, que lhe impede de ligar os diferentes momentos evolutivos, se produz uma descontinuidade na sensação de “ser um”, de sentir um “eu contínuo” com história. O resultado dessa precariedade seria um *self* fragmentado, um eu alterado e um campo para as patologias graves. Tal consideração leva ao conceito de *continuidade na existência*, proposto por Donald Winnicott (1965/1989). Para o autor, a *mãe suficientemente boa*, ao exercer, inicialmente, sua preocupação materna primária e, num segundo momento, permitir a ocorrência de falhas progressivas que possibilitam o ingresso do bebê na dependência relativa, identifica as demandas do filho e impede intrusões traumáticas na sua constituição, protegendo o seu psiquismo e proporcionando-lhe o “sentir-se real”, próprio da continuidade da existência. Na história de Vagner, esses primeiros tempos de presença e ausência das figuras primordiais, em um ritmo que promovia condições de instauração da autonomia e independência, fracassaram. Durante as entrevistas, Vagner evidencia sua dificuldade de expressar e endereçar sua palavra (e dor) ao outro, faz silêncios intermináveis que, na maioria das situações, parecem expressar grande um vazio interno.

Birman (2006) considera que não deve causar espanto que a cultura das drogas e a violência sejam as marcas da adolescência contemporânea, quando a privação relativa se conjuga com a fragilidade e a infantilização, declinando em um contexto social de falta de horizonte para o futuro. O autor assinala que as drogas, como antídoto contra o sofrimento, e o exercício da violência configuram uma resposta ao sentimento de impotência dos jovens frente aos tempos sombrios da atualidade. No caso de Vagner, pode-se entender que seus tempos sombrios aludem à aridez de suas vivências, seja em relação ao abandono materno, seja em relação à morte paterna, ou ainda a outros elementos que emolduravam uma vida marcada pelo sofrimento e dor psíquica. A irmã do adolescente relatou que ele já havia vivido uma situação extrema em função do uso de cocaína. Vagner pediu que o tranca-se em casa e levasse a chave com ela, para que não pudesse sair e “cheirar” mais. Esse pedido desesperado mostra que o uso da droga se tornou um “compromisso inadiável”, já que a euforia, a felicidade e o bem-estar encontrados sob o efeito da substância rapidamente se desfaz (Maia, 2005). Novamente, a

passagem ao ato ronda o adolescente, os recursos internos de contenção e cuidado consigo se ausentam.

Os casos retratados trazem à tona ambientes familiares nos quais a autoridade parental é inexistente ou enfraquecida, além de uma grande instabilidade em relação à experiência dos laços afetivos. Antônio conta:

Só o meu pai que me bate até hoje. Só que ele me bate com vassoura. (...) Teve uma vez, nas férias, eu estava com uma roupa, aí meu pai falou: “Tira essa camisa que está furada.”. Eu falei: Não, pai, dá pra usar ainda. - “Não, você não vai sair com essa roupa.”. Eu falei: Vou sim, pai, não vai encher o saco! Eu achei que ele tinha parado, só que ele tinha ido pegar a vassoura. Aí ele chegou e deu uma vassourada nas minhas costas. Quebrou a vassoura (Antônio, entrevista pessoal, 10 de setembro de 2010).

É no imperativo do ato paterno que Antônio se depara com a violência. Impõem-se, assim, um modelo identificatório no qual ao outro é direcionada a destrutividade, modelo recorrido e reproduzido por Antônio com frequência.

A impossibilidade de experienciar formas de comunicação que facilitem e promovam o acesso à alteridade se faz presente nas três histórias. Vagner evidencia uma dificuldade de expressão, poucas palavras e longos silêncios. Tiago demonstra problemas na compreensão sobre o que lhe é perguntado, traduzindo dificuldades de simbolização via discurso marcado por “Não sei”. Já Antônio conta dos sentimentos de nervosismo, quando é solicitado a responder alguma questão, em especial no colégio. O adolescente relata que muitas vezes, durante alguma conversa, tem a sensação de que o outro estava falando outra língua.

As dificuldades enfrentadas no colégio foram tema presente nos três casos. Tiago mantinha uma postura indiferente aos estudos, sendo que as faltas e os comportamentos violentos na escola fizeram com que o participante quase perdesse o ano. Quando a mãe o buscou da casa da avó, tentou resgatar com o filho a importância do comprometimento com a vida escolar. “Rodei duas vezes na primeira série e uma na sexta. Ano passado também estava sentindo medo de amigos, estudei naquele colégio lá três anos e já estava com conhecidos, conhecia todo mundo e fazia tudo errado” (Tiago, entrevista pessoal, 27 de agosto de 2010). Vagner estava na quinta série aos 15 anos e faltava a muitas aulas, sentia-se isola-

do na turma por ser o aluno mais velho. Teve diversas repetências em sua história escolar.

Eu não tenho ido nas aulas porque não gosto de ir naquela escola. Eu queria mudar pra noite, mas a minha irmã não deixa. Ela diz que é perigoso, mas não tem como acontecer nada. (pausa) Eu sou o mais velho da turma, então é ruim. Eles ficam tirando o cara, só por causa do jeito que se veste e tal. Acham que a gente é marginal (Vagner, entrevista pessoal, 21 de junho de 2010).

Antônio contou que o pior não era estudar, era estudar e não conseguir ir bem. Segundo ele nada mudaria: “Que saco! Eu estudei e não vou bem. Aí me dá um desânimo e eu paro de me esforçar, porque sei que não vai dar certo” (Antônio, entrevista pessoal, 14 de setembro de 2010).

No discurso de Antônio, Tiago e Vagner, se evidenciam falhas importantes no processo de constituição psíquica, na autoestima, nos investimentos em projetos e no outro. A precariedade e a instabilidade no encontro com os objetos primordiais e a incapacidade de nomeação própria acarretam em uma precariedade psíquica que oferece a relevância da primeira asserção construída. Nesse sentido, propõe-se, nesse artigo, o conceito de *adolescência nômade*, para descrever a forma como o jovem adolescente denuncia a precariedade dos cuidados e investimentos experienciados no encontro com as figuras primordiais. Nesta nomeação, busca-se ilustrar a impossibilidade de que o jovem conte com um lugar de origem consistente, no qual tenha sido suficientemente acolhido pelo outro. Na inexistência ou fragilidade dessa experiência cabe-lhe agora, seguir no processo de adolescer, como um andarilho, que dispõe de poucos recursos, na busca de um espaço para o si mesmo.

Segunda Asserção: Riscos ao devir: ausência de planos, projetos e ideais delineiam um cenário de desesperança

Antônio se vê engessado a uma nomeação feita pelo outro a qual o joga em um campo de desesperança em relação às capacidades e possibilidades de encontrar novas vias para a sua vida.

Eu não sei por que eu continuo indo tão mal assim, me deixa mais triste de pensar em repetir de ano. É uma coisa que eu não quero. (...) Eu sinto desânimo, falta de vontade, preguiça... Até não é pelo fato do estudar. Não é estudar, é estudar, estudar, estudar, estudar e não ir bem. (...) É nessas situações (fracassos escolares) que me dá vontade de me matar, porque, pô, me faz sentir que eu não presto para nada, então eu vou me

matar (Antônio, entrevista pessoal, 14 de setembro de 2010).

Segundo Mônica Macedo (2006, p. 236), a tentativa de suicídio decorrente do traumático, da dor psíquica e da passividade do Eu expressa uma “dor excessiva que anula investimentos de vida, ao visar, como única saída, o falso alívio da morte”. Antônio não consegue reconhecer outra saída para si mesmo frente ao imperativo de fracasso que o meio lhe impõe, significando uma desmesura sobre a qual ele não consegue elaborar. O ambiente escolar, além do familiar, evoca esse sentimento de desvalia.

A maioria dos casos de rejeição na minha vida foi por causa dos professores. (...) Quando eu estava na primeira série, eu voltei para o jardim. Eu já tinha alguns amiguinhos lá na primeira, mas fizeram eu voltar e eu fiquei lá no jardim. (...) Era meio sacanagem, que os alunos que eram meus colegas da primeira série ficavam lá rindo de mim (Antônio, entrevista pessoal, 14 de setembro de 2010).

Antônio evidencia um precário estabelecimento na estima de si mesmo que pode ser considerado a partir do que Luis Hornstein (2009) aponta sobre o desenvolvimento do Eu como uma unidade psíquica. O autor propõe, inspirado em Freud (1905/1989) que o Eu surge como um efeito da passagem de um estado de passividade e dependência para um estado de atividade e independência. Para Antônio é justamente essa condição que está obstaculizada, levando ao predomínio de impedimentos em sua travessia adolescente. Uma dificuldade a ser transposta nesse caminho diz respeito à qualidade do processo identificatório experimentado. Quando o tempo primeiro da vida é marcado pela instabilidade e carência de significativos enunciados e imagens amorosas que dão importantes recursos identificatórios ao sujeito, percebe-se a existência de precariedades e fragilidades no si mesmo que dificultam ao sujeito alcançar uma nomeação própria de valor e consistência.

Tiago encontra-se desanimado frente a novas possibilidades de investimentos.

Acho que, no final das contas, não adianta mesmo (o tratamento). Acho que é coisa pra louco. Agora é só casa e colégio, casa e colégio. Não estou com vontade, também porque é longe. O Conselho Tutelar disse que eu tinha que fazer uns cursos, mas é muito longe. Não dá vontade (Tiago, entrevista pessoal, 3 de setembro de 2010).

Mesmo assim, cabe ressaltar o efeito do cuidado da mãe em relação ao adolescente. Foi possível experimentar algo diferente da dinâmica destrutiva e violenta na qual se via inserido, abrindo espaço para o investimento nos estudos e até mesmo mudanças na relação com meninas. Penot (2005) propõe que os comportamentos delinquentes tendem a acometer o jovem quando este se vê carente do olhar do outro primordial, lançando mão desses atos como uma tentativa desesperada para superar essa posição parental frouxa e complacente. Ao recuperar o sentimento do cuidado materno, Tiago se vê inserido em um campo afetivo, capaz de viabilizar uma revisão das suas atitudes frente à vida. Por outro lado, cabe refletir sobre os efeitos da postura do pai de Tiago, que o incentivava a parar os estudos e minimizava a gravidade dos comportamentos agressivos do filho, sendo inclusive negligente às solicitações de sua presença na escola para falar sobre o rendimento escolar e os comportamentos do adolescente. Márcia Steffen (2006) entende que no campo intersubjetivo dos adolescentes delinquentes existe uma dificuldade na formação de ideais em função da prevalência de modelos externos débeis que comprometem as tentativas de formulação desses investimentos.

Ao ser convidado a pensar sobre o que lhe acontece, a fim de construir novas possibilidades para o seu futuro, Vagner diz que não vale a pena. Mostra uma indiferença frente a si mesmo e ao outro, sua postura diante da vida é marcada por uma posição mortífera, assim como ocorreu com seu pai. A identificação com o pai morto parece impedir Vagner de vislumbrar projetos e estabelecer metas.

A postura dos participantes frente às suas experiências levou à proposição do conceito de *adolescência à deriva*, já que a dinâmica e a precariedade dos investimentos no campo do si mesmo e na alteridade se faz evidente. Parecem não ver sentido maior nos investimentos futuros e um cenário de baixa autoestima, desesperança e ausência de projetos os assola. Antônio e Tiago, em alguns momentos, começaram a ponderar sobre outras modalidades de ser. Seja como Antônio, ao questionar os rótulos recebidos - preguiçoso, incapaz, chato, seja como Tiago, retomando os estudos e reconhecendo a importância da atitude mais voltada para o estabelecimento de relações mais profícuas, vislumbra-se a possi-

bilidade de mudança para esses adolescentes, a fim de que possam experimentar tomar a direção de suas vidas e investir novos rumos a serem seguidos.

Terceira Asserção: A dor psíquica via ato conta de um padecimento que distorce o que é típico da experiência adolescente

A relação com as figuras parentais também é tema central no processo de adolecer. O luto pelos pais da infância se constitui como uma das batalhas a serem empreendidas pelo adolescente. Esse embate parece ainda mais avassalador quando, como no caso de Antônio, existe uma precariedade nos investimentos experienciados com as figuras parentais da infância. Sendo assim, fica difícil de elaborar um luto por algo que não se teve. A dinâmica familiar de Antônio remete ao que Hugo Mayer (2001) resalta como déficit de modelos identificatórios. O autor assinala os danos diante da presença de uma figura paterna inoperante e uma forte tendência ao vínculo materno marcado por mães imprevisíveis e intrusivas.

Quando eu fico sozinho em casa, eu acho melhor. Dá pra fazer mais coisas. Fico no computador, fico no videogame. Eu faço tudo na hora que eu quiser. Eu gosto por causa disso. Quando a minha mãe tá mais em casa, eu não gosto de fazer muito essas coisas, porque tem muita gente. Eu fico que trancado no quarto, vendo TV (Antônio, entrevista pessoal, 10 de setembro de 2010).

Fica encenado um movimento de construção de seu espaço privado, em detrimento do lugar intrusivo da mãe. Mayer (2001, p. 89) caracteriza as mães intrusivas como aquelas que exibem “uma tendência para estabelecer uma modalidade de relação materno-filial na qual se destaca o abuso de poder, uma usurpação desse espaço potencial de que o filho precisa para crescer e desenvolver-se como personalidade”.

As descobertas no terreno da sexualidade que são vividas intensamente na adolescência acabam saindo do foco na perspectiva de Antônio, que adota uma postura mais infantilizada ao dizer que: “Eu não sei se eu devo mesmo falar. (ri hesitante) Eu até tenho vergonha de falar, mas meio que eu tenho medo de falar com meninas” (Antônio, entrevista pessoal 17 de setembro de 2010). Essa infantilização pode ser entendida como um efeito do descrito acima sobre as modalidades identificatórias de Antônio. Mayer (2001) refere que

o cenário contemporâneo, somado às características próprias do meio individual, leva a linhas de fratura e fragilidade psíquica dos jovens, acentuadas pelo sentimento de dependência que vivem, o que multiplica os efeitos da sua infantilização. Desamparados no encontro primeiro das suas vidas, os adolescentes repetem isso no processo de identificação com o grupo de iguais. Da mesma forma que o desamparo diante das figuras parentais marca uma violência ao si mesmo, na inserção no grupo de iguais fica o reflexo desse primeiro tempo, seja pela instabilidade e rechaço, no caso de Antônio, seja na ameaça de novos comportamentos de risco, como no caso de Vagner e Tiago. É junto ao grupo de iguais, do qual se esperaria um ambiente facilitador para o crescimento e amadurecimento, que podem ser compartilhadas as dores e conflitos do adolescer. Nas histórias dos participantes deste estudo, ao invés do grupo oferecer um espaço de construção subjetiva, envolvendo momentos de divertimento, o que se apresenta é uma distorção: distorce a ação do grupo que seria de amigos para uma ação digna de “gangue” (o roubo, a violência, a humilhação e as pichações). Antônio desejava se inserir no grupo, mas era rechaçado.

Não tenho eles como melhores amigos, mas eu falo com todos. Tem alguns que meio que ignoram, mas eu falo do mesmo jeito. É, eu tento falar. Sei lá... Ah, é meio chato ser meio que rejeitado mesmo. Mas eu comecei a mudar, eu sei lidar com isso, porque eu já fui rejeitado um monte de vezes. (Chora) (Antônio, entrevista pessoal, 14 de setembro de 2010).

Tiago e Vagner faziam parte de grupos, mas esse pertencimento conduzia a comportamentos desajustados, fazendo com que o afastamento fosse a única forma de evitar situações perigosas. A possibilidade de consolidar novas amizades não era considerada, sendo o rompimento a única forma de enfrentamento encontrada. O medo de não conseguir conter seus impulsos levava Tiago a se isolar do grupo de amigos, não considerando nem mesmo a possibilidade de procurar novas relações: “Não, não, o meu nome é uma coisa que ninguém vai dizer. Não saio de casa. Vai acabar acontecendo tudo de novo, eles me levaram para um sério caminho. Por que não posso ser eu o meu próprio amigo?” (Tiago, entrevista pessoal, 23 de setembro de 2010). A “saída” encontrada por Tiago denuncia o prejuízo de recursos internos para conter os impulsos e, também, a falta de possibilidades de investi-

mentos no outro fora do contexto de transgressões.

No cenário da passagem ao ato, fica a associação de que se relacionar com amigos é fazer tudo errado. A mesma associação é feita por Vagner, que indica os amigos como *parceiros* com os quais usava drogas, ficava na rua, em experiências somente vividas no aqui e agora, sem uma perspectiva temporal. A negligência e a indiferença frente à vida e aos riscos parecem ser traços marcantes do grupo com o qual Vagner se relacionava. O descuido vivido nas relações iniciais se reatualiza nas escolhas e investimentos do presente, aprisionando os adolescentes a encontros marcados pelo sentimento de desamparo e pela violência. Assim, propõe-se nesta Asserção, o conceito de *adolescência distorcida*, pois nela os atos, que poderiam ser de criatividade em relação ao si mesmo e as relações próprias desta etapa da vida, são preteridos por atos de pura descarga e vazão de dor. Nesta condição, as conflitivas relativas ao que é próprio da experiência da adolescência acabam por ficar distorcidas e incrementadas fazendo com que impere a repetição da destrutividade (auto e hetero) e, não a criação.

Quarta Asserção: Um espaço de escuta que abarque novas possibilidades de significados para o adolescente permite transpor o que estava no campo de desarticulação para o campo de articular a ação

Ao contar de sua experiência com a professora de matemática da sexta série, Antônio demonstrou que, ao se sentir investido por alguém, novos investimentos, mesmo que frágeis, puderam surgir e dar outra configuração a experiências de alteridade. Com isso, uma distinta condição de investimento libidinal pôde ser reconhecida e ampliada. “Já estudando na sexta série fui aprovado. A sexta foi uma das melhores séries. A professora de matemática era a mais atenciosa. Ficava comigo depois das aulas para me passar uns jogos que me ajudavam a aprender” (Antônio, entrevista pessoal, 14 de setembro de 2010).

Um espaço continente de escuta pode favorecer o estabelecimento de novas vias de expressão e de noção de si a um sujeito alterado em seu valor. Segundo Penot (2005), a função do psicanalista, no tratamento dessa modalidade de padecimento, é o de acolher o jovem desamparado em um espaço de lugar

para viver. Esse lugar denota um espaço possível de trocas pulsionais efetivas, constituindo-se em um campo “transicional” onde o jovem possa encontrar respostas para suas tentativas de enganchamento pulsional. Nessa direção, Luís Cláudio Figueiredo (2009) relaciona o cuidar e o “fazer sentido” sobre a vida, referindo que pela via do cuidado é possível dar sentido à vida, pois frente ao cuidado se estabelecem as condições de ligações, de dar forma, sequência e inteligibilidade aos acontecimentos que evocaram e provocaram o retorno às experiências de turbulência emocional ao longo da vida do sujeito. Inaugura-se, assim, um espaço para uma experiência integrada daquilo que foi vivido. Essas considerações vão ao encontro de outra fala de Antônio:

Eu fiquei pensando, acho que essas situações difíceis foram só meio que um obstáculo na minha vida para conseguir experiência, sei lá, alguma coisa. E aí eu vejo que minha vida tem mais coisas para acontecer. Sei lá, eu estava pensando nessas coisas (Antônio, entrevista pessoal, 24 de setembro de 2010).

Quando se privilegia a escuta, abre-se condição para a palavra. Pode-se dar expressão a sentidos mais amplos que vão expondo camadas mais profundas e desconhecidas do si mesmo. Antônio pondera: “Porque eu não ia bem em nenhuma matéria, aí eu achava que eu não servia pra nada, mas hoje em dia eu vejo que mesmo um cara mau, muito mau, serve. Sempre tem alguma coisa que ele serve” (Antônio, entrevista pessoal, 24 de setembro de 2010). A condição de escuta própria constitui um terreno propício para que seja feito um trabalho de conexão psíquica que possa dar conta da interação pulsional, inaugurando para o jovem uma função de sujeito de sua fala e de seus atos (Penot, 2005).

A disposição de Tiago em concordar com o encaminhamento para o atendimento se deu a partir de sua possibilidade de refletir sobre as posturas das figuras de referência. Tiago assim narra:

Eu não sei mesmo se eu preciso, meu pai diz que isso é coisa pra louco, fica rindo de mim. Mas minha mãe quer que eu venha, acha que vai ser bom pra mim. Eu acho que até poderia ser bom, mas pena que é longe (Tiago, entrevista pessoal, 23 de setembro de 2010).

É possível considerar que a acolhida da mãe frente às situações ocorridas possa ter favorecido que Tiago empreenda novas formas de

pensar e encaminhar sua vida. No entanto, ele ainda se via incapaz de lidar com suas questões sem uma contenção externa, exemplificada pelo fato de que o jovem não queria mais ter contato com amigos para evitar voltar às formas de expressão anteriores. Já para Vagner, a possibilidade de valorizar um espaço de escuta de seu padecimento ainda não lhe parecia digna de investimento. Pode-se supor, mediante o fato de ele ter vindo para tratamento em função do pedido da irmã e considerando a forma distante e inacessível com as quais se apresentava ao outro, que Vagner convocava o outro à desistência. Na verdade, a escuta de Vagner significou também um desafio para a pesquisadora, que teve que se manter muito mais ativa e dando conta dos intensos sentimentos contratransferenciais que o adolescente suscitava.

Esta pesquisa, que ocorreu em uma clínica escola, também contemplou o objetivo de promover recursos facilitadores à adesão a um posterior atendimento psicanalítico por parte dos três jovens. Sabe-se que o encontro analítico oferece a possibilidade do sujeito experimentar, através da qualidade do encontro afetivo, uma escuta singular que permite imputar sentidos a um excesso (Dockhorn, Macedo & Werlang, 2007). No campo dos padecimentos com passagem ao ato, a escuta dá a possibilidade de *articular a ação*, no sentido de atribuição de significado. Ao alcançar o estatuto de representação palavra, o ato pode ser inserido no psiquismo e passível do processo de mediação do pensamento. Assim, o novo cenário que se apresenta é de uma junção de intensidades que agregam, vinculam e articulam a ação dando condição a atos de autonomia.

Considerações Finais

A adolescência é uma etapa que exige do sujeito intenso trabalho frente a demandas marcadas por inevitáveis transformações físicas e psíquicas. Diante desses desafios, o adolescente necessitará de um porto seguro para onde se possa retornar sempre que necessário, independente das novas rotas estabelecidas. Assim, a característica itinerante da adolescência, pela infinidade de novas vias a serem seguidas, pode ter ou não uma direção a favor da vida, já que o fato de ser itinerante por si só não garante trilhar boa jornada. A qualidade do itinerário já percorrido conta muito, ou seja, nesse processo, está intrinse-

camente implicada a qualidade do vivido durante a infância. A bagagem psíquica de experiências e da qualidade dos encontros desse primeiro tempo terá significativa influência nas escolhas adolescentes, na possibilidade de aproveitar as mudanças na jornada e dar, a partir delas, construir rumos ao devir como adulto.

A investigação apresentada, realizada a partir de três estudos de caso, evidenciou a importância de considerar, mediante a constatação do predomínio de expressões de passagem ao ato, os meandros da singularidade de cada história e os contornos adquiridos pelas experiências primordiais frente aos impasses e desafios da adolescência. A partir da proposição dos conceitos de *adolescência nômade*, *adolescência à deriva* e *adolescência distorcida*, se delineia um cenário conceitual que permite explorar a heterogeneidade e a complexidade da adolescência quando os atos acabam por revelar prejuízos nas condições de enfrentamento de conflitivas narcísicas e alteritárias. Cabe destacar, ainda, a relevância de buscar recursos de intervenção terapêutica frente à constatação de ser a dor e sua impossibilidade de trâmite no campo da simbolização que fomenta o predomínio de atos delinquentes na adolescência. A adesão ao tratamento, muitas vezes dificultada aos adolescentes nesta condição, pela escassa condição de estabelecer vínculos, passa a ser um importante elemento a ser estimulado. A constância e contiguidade, tão essenciais nos encontros primeiros da vida, ganham no tratamento outro estatuto, abrindo um espaço de criação que permite revisitar os tempos fraturados no processo de construção do si mesmo e das relações com o outro.

Tiago, Vagner e Antônio desvelam em suas falas, em seus silêncios e, sobretudo por meio de seus atos, a força destrutiva daquilo que irrompe e denuncia as precárias condições do si mesmo. A fragilidade que os acompanha compromete a qualidade de investimentos no devir e impõe, sem possibilidades de adiamento, uma reflexão sobre a intensidade da dor psíquica na adolescência. No testemunho dado pela passagem ao ato, o desamparo impera, porém, no acolhimento e no reconhecimento dos aspectos tanáticos de seu fazer pode-se, agora, fomentar condições de nomear a dor e adentrar espaços de ação criativa.

Referências

- Birman, Joel (2006). Tatuando o Desamparo. In Marta R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (pp. 25-43). São Paulo: Escuta.
- Birman, Joel (2012). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Dockhorn, Carolina. N. B. F; Macedo, Mônica. M. K., & Werlang, Blanca. S. G. (2007). Desamparo e dor psíquica na escuta da psicanálise. *Revista Barbarói*, 27, 25-42.
<http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.136>
- Erickson, Frederick (1997). Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In Merlin C. Wittrock (Org.), *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Figueiredo, Luis Cláudio (2009). *As diversas faces do cuidar. Novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Freud, Sigmund (1905/1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In James Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-228). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1914/1989). Sobre o narcisismo: uma introdução. In James Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago.
- Hornstein, Luis (2009). *Narcisismo. Autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos.
- Kude, Vera (1995). *A qualidade do atendimento na creche: um estudo em duas culturas*. Tese de Doutorado não Publicada, Pontifícia Universidad Católica de Río Grande del Sur.
- Lerner, Hugo (2006). Adolescencia, trauma, identidad. In Maria Cristina Rother Hornstein (Org.), *Adolescencias: trayectorias turbulentas* (pp. 27-50). Buenos Aires: Paidós.
- Macedo, Mônica. M. K. (2006). *Tentativa de suicídio: o traumático via ato-dor*. Tese doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Macedo, Mônica. M. K. & Werlang, Blanca. S. (2011). El acto-dolor y la tentativa de suicidio: expresión de intensidades psíquicas. In Pedro Bosschán (Org.), *Sándor Ferenczi y el Psicoanálisis del siglo XII* (pp. 311-320). Buenos Aires: Letra Viva.
- Maia, Marisa. S. (2005). *Extremos da alma*. Rio de Janeiro: Garamond.

- Mayer, Hugo (2001). Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In Marta. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 81-101). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- McDougall, Joyce. (1996). *Teatros do Corpo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Penot, Bernard (2005) *A paixão do sujeito freudiano: entre pulsionalidade e significância*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Schuman, David (1982). *Policy analysis, education, and every life*. Lexington: Heath.
- Seidman, Irving. E. (1991). *Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences*. New York: Teachers College Press.
- Shaughnessy, John. J.; Zechmeister, Eugene. B. & Zechmeister, Jeanne. S. (2012). *Metodologia de Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: AMGH.
- Steffen, Márcia (2006). Delinquência: privação, trauma e passagem ao ato. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 188, 82-86. Extraído de http://www.editoraesquita.com.br/pulsional/188_07.pdf
- Winnicott, Donald. W. (1965/1989). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.



ROBERTA ARAUJO MONTEIRO

Psicóloga. Psicanalista. Doutoranda em Psicologia (PUCRS) e Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS (Bolsista CNPq). Professora da Graduação e Coordenadora do Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

MÔNICA MEDEIROS KOTHER MACEDO

Psicanalista. Doutora em Psicologia (PUCRS, 2006). Professora Titular da Faculdade de Psicologia, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise e Membro da Comissão Científica no Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PUCRS). Organizadora e autora dos livros: *Neurose - leituras psicanalíticas* (EDIPUCRS, 2015, 4ª Edição); *Vivencia de indiferencia: del trauma al acto-dolor* (Psicolibro Ediciones, Buenos Aires, 2012).

DIRECCIÓN DE CONTACTO

roberta.monteiro@pucrs.br

FORMATO DE CITACIÓN

Araujo Monteiro, Roberta, & Medeiros Kother Macedo, Mônica (2016). A manifestação em ato na adolescência: testemunho do desamparo. *Quaderns de Psicologia*, 18(2), 15-26. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1320>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 26/01/2016
Aceptado: 24/05/2016